

UM OLHAR ATENTO E UMA ESCUTA ATIVA: EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS DAS INFÂNCIAS

RAQUEL SANCHES DUTRA¹; CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA²; FERNANDA DUTRA SILVEIRA³; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ⁴; RENATA NOGUEIRA ANDRADE⁵; HARDALLA SANTOS DO VALLE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – rakellsanxs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – caroline.terra@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – ffernanda.silveira@yahoo.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – lialorenzato@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – andradecontatorenata@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias (GEPI) e suas atividades, realizadas com e sobre as crianças. Vinculado à Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPe), este grupo foi formado no ano de 2022. É certificado pelo CNPq e liderado pela Prof.^a Hardalla Santos do Valle. Entre seus membros, estão docentes da UFPe e FURG, graduandos do curso de Pedagogia da UFPe e uma pesquisadora equatoriana.

Os três projetos que compreendem o grupo privilegiam a interlocução entre os pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. A proposta do GEPI é desenvolver estudos que abarquem questões, situações e ações que se relacionem às múltiplas infâncias. Sua equipe atua em espaços plurais, formais e não-formais. Nos quais, os debates sobre as práticas educacionais, as políticas públicas, os processos sócio-históricos e culturais são centralizados nas crianças.

2. METODOLOGIA

O GEPI concebe a criança como sujeito de pesquisa, que é capaz de produzir sentidos acerca da sua própria vida e das possibilidades de construção da sua existência (ROCHA, 2018). Por isso, a principal ferramenta metodológica do GEPI é a escuta, utilizada como processo ativo de comunicação. Assim, consistindo em ouvir, interpretar e construir significados que não se limitam à palavra falada, mas abrangem também os sentidos produzidos por fatores socioculturais (COSTA; SARMENTO, 2018).

O projeto de extensão, “Infâncias: vivências e escutas”, tem como objetivo promover ações que contemplem as crianças vinculadas à ONG Alimentar, na cidade de Pelotas/RS. As ações desse projeto ocorrem aos domingos, uma vez por mês, no Parque Dom Antônio Zattera. Através de brincadeiras, se desenvolve a escuta e se trabalha para agregar força a percepção de que as crianças são cidadãos ativos e participantes da nossa sociedade.

Partindo dessa mesma perspectiva, um novo projeto chamado “Infâncias: espaços, diversidade e escutas”, está em processo de criação e tem como foco a extensão em variados lugares como instituições de acolhimento, comunidade indígena, quilombola e hospitais. As ações de ambos projetos são pensadas a partir das demandas apresentadas pelas crianças, sempre priorizando suas escutas.

Dessa forma, conta-se com a parceria das professoras Caroline Terra e Lilian Lorenzatto, da Faculdade de Educação/UFPEL.

Com ênfase na pesquisa, se tem o projeto “Infâncias Guarani e Kaingang: memórias e histórias”. Nesse se investiga as infâncias das pessoas que pertencem às aldeias Guarani e Kaingang, situadas no bairro do Cassino, em Rio Grande/RS. O estudo parte de reivindicações das próprias aldeias, que apontam a profunda ligação entre suas infâncias e sua cultura, bem como a dificuldade que os sujeitos externos à comunidade têm em compreender sua historicidade. Devido à vasta gama de possibilidades de análises e grande abrangência, a História Cultural e História Oral foram escolhidas para nortear a pesquisa. A escolha da abordagem a partir da História Cultural se deve ao seu potencial de ampliar o território da pesquisa histórica, explicitando as possibilidades de pesquisar temas que eram limitados pelas abordagens anteriores (BURKE, 2008). Para Chartier (2009), o foco principal da História Cultural é identificar a maneira com que uma realidade social é construída, pensada e lida, em diferentes locais e momentos. A perspectiva da História Oral é uma importante escolha, que possibilita uma aproximação maior com as vivências da infância indígena, através de entrevistas que revelam para além do que é explicitado em documentos oficiais.

Já o projeto de ensino, “Estudos interinstitucionais sobre as infâncias”, tratase de uma ação interinstitucional em que a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através de encontros quinzenais de forma remota, juntam seus grupos de estudos para a leitura e debate de diferentes assuntos referentes à Sociologia e à História da Infância. Os temas e textos são previamente organizados em um cronograma e distribuídos entre os seus integrantes e, no dia do encontro, um dos grupos fica responsável pela apresentação do texto e condução da discussão, que deve ser aberta e incluir a todos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O GEPI aplica, semanalmente, a leitura de livros ou artigos. Durante a realização de cada reunião, se coloca um tema em debate para que seja pensado de forma reflexiva, associado às práticas desenvolvidas. É a partir desse diálogo, que surgem as ações, que são coerentes com as necessidades observadas pelos pesquisadores e/ou apresentadas pelos sujeitos participantes dos projetos.

Dentro do projeto “Infâncias: vivências e escutas” foram realizadas ações de escutas das infâncias, constituídas a partir de pinturas com tinta guache, contação de histórias e brincadeiras. Em uma das ações realizadas, brinquedos foram construídos com materiais recicláveis, os quais foram coletados pelo projeto, com a ajuda e divulgação da Faculdade de Educação da UFPEL. Materiais como copos plásticos, rolos de papel higiênico, tampas de garrafas e papelões serviram como base para construções de novos brinquedos e outras formas de brincadeiras para serem levadas às crianças amparadas pela ONG Alimentar.

Como forma de comunicar os frutos deste projeto, o GEPI também efetivou duas exposições. A primeira, ocorreu no mês de abril de 2023 e abordou os brinquedos construídos com as crianças. A segunda, fez parte da programação do evento Mundo UFPEL, no dia 17 de junho, e abrangeu, além dos brinquedos, a produção de fantoches do grupo.

Dentro do projeto “Infâncias: espaços, diversidade e escutas”, uma ação realizada foi o debate com a pedagoga hospitalar Adriana Coutinho, que explicou ao GEPI a sua trajetória profissional e o funcionamento de uma brinquedoteca

hospitalar. Acrescenta-se que, com o novo projeto em vigor, um dos objetivos do grupo é estabelecer um contato cotidiano com a Pedagogia hospitalar, de forma que estejamos aptos a atuar, também, dentro de Hospitais da cidade.

Já no projeto “Infâncias Guarani e Kaingang: memórias e histórias”, estão sendo realizadas entrevistas e observações nas duas comunidades. Essas tem proporcionado reflexões e articulações, com intuito de contribuir às questões apresentadas. Por fim, no projeto “Estudos interinstitucionais sobre as infâncias”, se tem realizado parcerias em palestras, oficinas e publicações.

4. CONCLUSÕES

O GEPI, desde a sua origem, se mostra ativo na escuta das infâncias e na criação de ações com e sobre elas. Considera-se assim, a importância de observar, estudar e considerar o ponto de vista das crianças nas pesquisas, como sendo uma parte fundamental para o entendimento das estruturas culturais e seus impactos na sociedade, permitindo que ocorram contribuições que acompanhem as necessidades de cada comunidade. Além disso, destaca-se que essa percepção contribui para a formação de profissionais ligados à educação das infâncias, que poderão maturar seu embasamento teórico através de práticas que permitirão uma futura atuação crítica, sensível e pedagogicamente comprometida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, C; SARMENTO, T. Escutar as crianças e (re) configurar identidades: interações com voz. **Revista Educação em análise.**, Londrina, v.3, n. 2, p.72-94, jul/ dez. 2018. Disponível em:
<http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/60288/1/Escutar%20as%20crian%C3%A7as%20nos%20anos%20iniciais%20e%20afirmar%20a%20nossa%20identidade%20profissional.pdf>

ROCHA, E. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena (org). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008;